

# Echos de Guimarães

SEMÁNARIO MONÁRQUICO

Director e Editor, Tomás Rocha dos Santos

Redacção—Rua 31 de Janeiro

Administração—Rua de Paio Galvão, 70

Propriedade da Empresa

DOS  
Ecos de GuimarãesOfficinas de composição e impressão  
Tipografia Minerva Vimaranesse  
68, Rua de Paio Galvão, 72  
GUIMARÃES

## Salvação nacional

Damos o nosso lugar d'honra ao brilhante artigo do nosso eminente Chefe político o ilustre homem d'Estado sr. Conselheiro Aires d'Ornelas, a quem prestamos homenagem, fazendo como nossas as palavras de Sua Ex.ª.

Os *Ecos de Guimarães* prestam igualmente as suas homenagens a Sua Ex.ª o Presidente Sidónio Pais e ao glorioso Exército Português pelos actos de bravura e patriotismo que fizeram.

Está vencida mais uma tentativa democrática, para levar este paiz á anarquia onde, de vez, naufragasse a independência nacional. Os aliados que intervieram já na Rússia, á mão armada, contra o Governo dos *Soviets*, não consentiriam por certo uma comuna em Lisboa. Acresce que o paiz, sofrendo da carestia da vida, sempre crescente pelos erros da administração democrática, está assolado por uma epidemia cuja gravidade tem levado o luto e a dor á muito lar português.

Por ultimo, mas não em derradeiro lugar o estado de guerra, entrado na sua crise decisiva e final, impõe mais ainda a soberania do interesse nacional como lei suprema da salvação patria!

Se acrescentarmos que os profissionais da politica, factores do movimento, representam o que tem havido de mais criminoso entre os mais nefastos elementos da *Republica Velha*, compreender-se-ha o sentimento de repulção e horror, com que o Paiz, o que trabalha e labuta, o que pena e sofre, o que combate nas trincheiras da Flandres ou em Africa, teve noticia do nefando atentado contra ele proprio cometido!

Porque o atentado a quem mais diretamente ameaçava de uma ferida mortal, era esse proprio *Povo*, pacifico e ordeiro, que precisa um *governo*, que pede que lhe facilitem as *subsistencias*, que lhe deem luz, que lhe garantam a vida no trafego diario, e que portanto repele quem venha trazer mais uma criminosa perturbação revolucionaria, alterando e dificultando ainda as suas já tão pesadas condições de existencia.

Serviu o Paiz e o Povo o Senhor Presidente procedendo com a sua já provada energia; serviu o Paiz e o Povo como lhe cumpria, o Exército, como sempre serve quando os seus piores inimigos lhe não desnorreiam publicamente os elementos. No meio do descalabro duma situação creada por oito anos de anarquia, são eles, o Presidente Sidónio e o Exército garantés supremos da nossa propria existencia nacional. Grande missão mas formidável responsabilidade.

Não ha duvida que nos ultimos tempos a politica do partido fez esquecer o que se devia ao interesse nacional em nome do qual se dera o movimento libertador de 5 de dezembro; tantas vezes insistiu o Sr. Presidente que era republicano o que pelo menos era inutil, que o julgaram apto a en-

tender-se com todos os que sob esse nome só souberam cobrir erros e crimes de que se prometiam sindicancias. Consentia-se egualdade de direitos a quem só soubera calcar aos pés os alheios; deu-se fóros de cidade a uma alcaideia que só como tal descera ao povoado!

A breve trecho surgiu a lição com o espectro medonho da mais feroz anarquia, do mais barbaro comunismo. Foi o *Exercito*, não foram as habilidades da politica, quem salvou o Paiz da catastrophe. Não queremos hoje apontar ao Senhor Presidente exemplos de Monarquias, nem apelar agora para a restauração da tradição nacional. Mas é preciso, e todos queremos, que o Paiz esteja unido e assim se apresente perante o degladiar de interesses que a decisão da guerra vai trazer.

Por isso, lembramos ao Senhor Presidente Sidónio que ponha os olhos num *republicano de sempre*, que veja como procede o velho Clémenceau.

Começou por submeter a um conselho de guerra que o incriminou já de traição, um antigo presidente do conselho, chefe do maior partido politico, com representação parlamentar; proesou e está condenado pelo Senado como Tribunal Supremo, um ministro do Interior durante quatro annos seguidos, em quatro ministerios consecutivos. E os considerandos da sentença diziam ter ele *atraido* os deveres do seu cargo. Não notou Sua Ex.ª como só os representantes da imprensa da *Republica Velha* desceram a fazer a defesa do traidor que a Republica francesa condenou?

Depois Clémenceau tornou a rasão militar suprema num Paiz em guerra: parece simples, mas foi o 1.º Presidente de Conselho da Republica que assim procedeu. O homem que hontem entrava glorioso em Laon libertada, o chefe heroico que em cinco mezes de luta incessante tem energicamente rompido todas as defezas alemãs, Mangin, fora condenado no ministerio Painlevé a não entrar no departamento do Sena! Também Clémenceau não cuidou dos sentimentos religiosos de Foch para o impôr ao Comando Supremo dos aliados.

Tem o Senhor Presidente Sidónio sobre Mr. Clémenceau algumas vantagens, fora a idade. E' o Primeiro Magistrado eleito pela Nação, é o Comandante em Chefe das Forças de Terra e Mar. Faça calar a *sereia* politica e corte direito com a Espada através os obstáculos que se opõem á tarefa salvadora que assumiu perante a Nação.

Foi para isso que ela o elegeu: não para *habildosamente* realisar aproximações de Republicas Velhas com Republicas Novas.

Para salvar o Paiz, o Exército mostrou que pôle contar com ele. Não deixe perder uma ocasião que é *única*: não a deixe ser a *ultima*.

AIRES D'ORNELAS.

## A revolução

Almas baixas que nunca perdoam e que albergam, debaixo duma fingida capa de resignação, uma alma de fera, de novo saíram das alfurjas nefastas, onde se escondiam, para trazer de novo o luto, o sangue e o ódio á familia portuguesa.

Que lhes importa que a patria esteja em perigo, que se lhes dá que nesta hora tragica muitas familias, que nasceram na mesma patria, que respiram o mesmo ar, que se lhes dá que não tenham pão, que a miséria e o luto lhes bata á porta, roubando-lhes a familia e o pão?

Que tem que Portugal se afunde, que os nossos irmãos morram, que a peste assole toda esta desgraçada terra, contanto que o democratismo, que nos atormentou durante sete annos, que esse democratismo odiado, que levou os nossos soldados á guerra para satisfação do seu capricho e vaidades balofas, de novo tenha na mão o chicote com que nos azoragou, que tenha na mão os cofres do estado onde falta bôda lhe foi servida! Patriotismo é a battriga, fraternidade é a do cavalo marinho, liberdade a que se gosou nas penitenciárias por pretensos crimes politicos.

Eles bem sabiam que uma guerra civil viria inutilisar todo o esforço despendido na luta contra os inimigos, quer em Africa, quer nos campos gloriosos de França; que na hora do ajuste de contas não seriamos ouvidos na conferencia da paz, não teriamos quem defendesse os nossos interesses e os nossos direitos, mas que lhes importa isso, que se lhes dá, contanto que a sua ambição seja satisfeita? Que importancia tem isso tudo deante dos intuitos gananciosos de meia duzia de aventureiros sem lar, sem familia e sem patria?

Almas danadas de novo encolheram as garras deante da repulsa de toda a gente de bem e que ainda sente uns laivos de dignidade.

Ainda bem que a nossa alma oprimida se sente aliviada, não tendo de chorar muita desgraça, muita vingança sanguinaria. O governo, senhor de todo o odiado trama, procedeu com energia, lançando nas prisões esses criminosos vulgares, assassinos e degenerados.

Nós, os que queremos trabalhar e ver este paiz progredir livre dos poderes tenebrosos que nos não deixam respirar, devemos mais este beneficio ao sr. Dr. Sidónio Pais, que pouco e pouco se ha-de ir convencendo que não é possivel a transigencia com as esquerdas que assim recebem os seus gestos de conciliação.

O sr. Egas Moniz que vá vendo onde chegaria a sua teoria de aproximação com as esquerdas. A esta hora deve estar plenamente edificado e compungido com a nobresa de sentimentos dos seus amigos de Peniche.

E ainda encham a boca com a palavra republica, que eles dizem colocar acima de tudo e para operar uma mudança de governo é preciso fazer uma revolução que punha em perigo não só a republica—o que pouco se nos daria,—mas a mesma nacionalidade!

Que triste ideia eles nos dão do regime republicano!

## Henrique de Paiva Couceiro

Encontra-se na Granja, onde tivemos a honra de lhe apresentar as nossas saudações, o ilustre portuguez sr. Henrique de Paiva Couceiro.

Os *Ecos de Guimarães* saudam affectuosamente o eminente portuguez e muito se felicitam por poder testemunhar a Sua Ex.ª os protestos da sua estima e da sua admiração.

## A EDUCAÇÃO

Fala-se por aí muito em instrução. Muitos afirmam ou deixam perceber que é esta a maior necessidade do Estado. E com esta preocupação tem-se descurado ou esquecido lamentavelmente o problema da educação, que, como é facil de ver, sobreleva muito a qualquer outro e nomeadamente ao da instrução. Multiplicam-se as escolas e os livros elementares com o fim de generalizar a instrução primaria. Ha optimistas credulos que poem a felicidade da nação na sciência da leitura. Entendem que no dia em que todos os portuguezes saibam ler e escrever, Portugal será uma nação prospera e feliz. Pelo que os que contribuem para a generalização do conhecimento das primeiras letras, já fundando escolas, já estabelecendo premios que atraiam creanças a frequentá-las, são considerados como benemeritos, como apóstolos da luz.

Eu não quero contrariar estas aspirações que encham as almas de alguns escritores e politicos do nosso tempo. As minhas ideias, fruto da idade, da observação e do estudo, são um pouco diferentes. Reconheço de plano a utilidade da instrução e aplaudo a todos os que se esforçam a difundil-a por todas as classes; mas não me atrigo de dizer que esta preocupação constante de instruir sem educar, longe de ser util, pode ser muito nociva á sociedade.

No discurso da minha vida que está já no seu declínio, tenho observado que a instrução por si só não faz o homem bom e não raro o faz perigoso. Tenho encontrado pessoas analfabetas e contudo possuidas dos mais nobres sentimentos; ao contrario tenho deparado com pessoas muito instruidas que se deixam mover pelas mais baixas paixões.

E qual é a causa desta differença?

E' que aquellas, posto que analfabetas, receberam uma boa educação, e estas, ainda que muito illustradas, não tiveram quem lhes formasse o caracter e as submettesse ao jugo da lei moral. Pelo que eu julgo mais util á sociedade uma pessoa bem educada sem instrução do que uma pessoa muito instruida sem educação.

A prova do que afirmo, si está bem patente aos olhos de todos. As pessoas bem educadas cumprem o seu dever onde quer que estejam; são humildes, obedientes, submissas, pacientes. Não é preciso guardá-las, nem vigiá-las, nem afagá-las para que desempenhem as funções de que estejam encarregadas; porq'ie na sua consciencia tem o fiscal e o estimulo dos seus actos.

Pelo contrario as pessoas instruidas, mas sem educação, fo-

gem, quanto podem, do cumprimento do dever, principalmente quando é penoso. Engendram artes e meios de iludir a vigilancia de que sejam objecto. São rebeldes, rezingueiras, soberbas, fraudulentas, capazes de todos os vicios e maldades.

Os crimes mais espantosos que se cometem na sociedade, geralmente tem por auctores pessoas mais ou menos instruidas que se aproveitaram da sua instrução para ver se fugiam ás responsabilidades dos seus actos.

Concordemos, pois, em que primeiro se deve tratar da educação do que da instrução e que esta sem aquela pode ser e quasi sempre é perigosa.

P. A.

## Ao «Dia»

Foi assaltada não se sabe por quem a redacção de «O Dia».

E' acto repugnante e que merece todo o nosso desprezo o assalto a jornais, mas principalmente o assalto ao «Dia» representa uma vilania sem nome, porque ninguém melhor que o brilhante diario tem defendido a actual situação, que muito lhe deve.

Somos absolutamente contrarios a estas violencias, mas a havida com o «Dia» fêre-nos como se a nós proprios fosse feita, pois o consideramos como uma Biblia onde vamos aprender e onde diariamente vamos vendo quanto vale essa poderosa e sugestiva pena de Moreira d'Almeida, mestre culto dos mestres da imprensa portuguesa.

Fazendo, pois, muito nosso o desgosto que feriu o brilhante paladino da nossa causa, enviámos-lhe os nossos mais vehementes e sinceros protestos da mais comovida e amiga solidariedade.

## Subscrição Nacional a favor dos prisioneiros portugueses

O importante jornal de Lisboa e nosso colega «Diario de Noticias» abriu uma subscrição a favor dos prisioneiros de guerra que atingiu já a importante cifra de 66.038.790.

A iniciativa daquele nosso prezado colega mereceu o aplauso de todo o paiz e toda a imprensa é unanime a trece-lhe os maiores elogios.

Muitos dos nossos colegas da provincia abriram nas suas colonas subscrições, subsidiarias da do «Diario de Noticias».

E' o que tambem vamos fazer satisfazendo assim ao apelo do importante diario lisbonense.

E para se ver a situação angustiosa em que se encontram os nossos irmãos cativos na Alemanha, vamos transcrever a carta que o nosso colega da capital distribuiu:

Lisboa, 30 de agosto de 1918.

Ex.ª Sr. Senhor

«Recebi o Diario de Noticias, de três comissões que diligenciam angariar socorros para os prisioneiros portugueses na Alemanha, pedidos instantes para se interessar e fazer interessar os seus leitores pela desgraçada sorte daqueles nossos compatriotas e para pôr ao serviço de tão nobre causa a sua publicidade e os meios da sua propaganda.

Essas comissões são o Comité de socorros auxiliares e civis prisioneiros de Guerra, a cuja frente está o sr. ministro de Portugal em Berne, e que tem a sua



ção em Lausanne; a Comissão protectora dos prisioneiros de Guerra portugueza...

As cartas que essas três comissões dirigiram ao Diário de Notícias são de uma eloquencia comovedora...

Lê-se na carta do Comité de secours de Lausanne, assinada, entre outros portuguezes, pelo sr. dr. Bartholomé Ferrer...

Carecemos de recursos. Sobre a generosidade do publico portuguez e brasileiro...

Para advogar a nossa causa socorremos-nos da acção do seu conceituado e lido jornal...

Aludindo aos serviços prestados por este Comité, na sua notavel conferencia sobre a situação dos prisioneiros de guerra...

De modo geral pode dizer-se que a situação dos prisioneiros de guerra na Alemanha é bastante dura...

No mês de Junho findo enviou os prisioneiros portuguezes 4.500 pacotes de viveres...

Por seu lado, a Commissão Protectora dos Prisioneiros de Guerra Portuguezes, cujos fins visam a levar aos nossos pobres irmãos cativos na Alemanha...

Não os nossos officiaes e soldados não gosam ainda do mesmo carinho e amparo...

Dirigiu-se esta Commissão ao Diário de Notícias solicitando-lhe que recebesse todos os obolus para o fim indicado...

Finalmente, a Commissão de socorros portugueza do campo de Duilmen, explicando que deseja "criar um armazém de viveres para prover ás mais urgentes necessidades dos seus camaradas e dos que de futuro possam ir para ali..."

Necessitamos de generos alimenticios, conservas, tocinho, massas, legumes e, principalmente, pão e biscoito...

Por isso apelamos para a sua boa vontade para nos enviar pessoalmente qualquer socorro...

Ficam, em summa, reproduzidos os apelos endereçados ao Diário de Notícias e que constituiram este jornal no dever, não só de abrir, nas suas colunas, uma subscrição publica...

Assim procede o Diário de Notícias, não com o proposito de desviar para si qualquer corrente de socorros orientada noutra direcção...

Excusado será pôr em relevo, perante aqueles cujos nobres sentimentos merecem a devida justiça...

com todo o cortejo de torturas moraes, desde a saudade dos entes que lhes são queridos até á nostalgia da patria...

Essas privações tornar-se-ão, dia a dia, mais insuportaveis, se de Portugal lhes não valermos com o auxilio indispensavel.

Este auxilio, em dinheiro ou em generos, em alimentos ou em fatos e roupas, que, no desempenho das honrosas incumbencias a que acima alludo, o Diário de Notícias vem com empenho, solicitar de V. Ex.ª, de quem espera uma pronta e favoravel resposta.

Fica aberta a subscrição. A todos, pois, que subscreverem com qualquer quantia, agradecemos o concurso que juntam á iniciativa do «Diário de Notícias».

A Officina de S. José de Guimarães

Penha, 10-X-918

Eu não sei. Mas creio que Eça de Queiroz, para nos dar aquellas paginas magistrais de A cidade e as serras, que redimem toda a sua obra...

Meus olhos embemem-se, a toda a hora, no esplendido panorama que se desenrola, por longe e por largo.

E encontro sempre encantos ineditos, sempre belezas novas, surpreendentes, em retalhos de paisagem exuberante, opulenta.

E ali em baixo, — servindo de escabelo gracioso a esta formosa estancia a que chamam a «Cintra do norte» — Guimarães, a velhinha cidade onde foi embalado o fundador da nacionalidade portugueza.

Desci lá ontem, por aquella tarde embaladora, suave, deste pallido outono, — ceifeiro desapiadado de tantas vidas em flor.

Bati á porta da Officina de S. José, mesmo ali no sopé da montanha.

— O sr. Padre Director está?

— Sim, meu senhor.

— Faça o obsequio de lhe dizer que o procura o irmão mais velho.

O rapaz fixou-me atentamente, com ar de incredulo — ao menos com ar de quem hesita em crêr, — mandou-me entrar e abalou.

Dentro em dois minutos, eu etá abraçado carinhosamente, jubilosamente pelo boni Padre Domingos Gonçalves.

E ele contava: o rapazinho fôta procura-lo, muito açodado, informando de que estava na sala de espera um padre alto, muito parecido com ele, e que dizia ser o «seu irmão mais velho».

Mas o internado, que era natural da cidade e conhecia perfeitamente a familia toda do Padre Director, desde que principiara a conhecer gente, nunca imaginou que o seu querido Padre Domingos tivesse outro irmão sacerdote.

E o Padre Director, absorvido pelo pensamento dominante, pela sua paixão, pelos seus amores — que são os pequeninos internados — fala-me deles, da casa, brilhando-lhe nos olhos uma alegria clara, que tem um fundo escuro de magua.

Conseguiu a 13 de Junho de 1915—dia do meu adorado Santo Antonio—o santo franciscano portuguez—conseguiu fundar a officina de Guimarães, albergando dez meninos desamparados.

O Ex.º Sr. Antonio Leite de Castro—que tem continuado a ser grande benfeitor da obra—cedeu gratuitamente a casa, na freguezia da Costa, aqui na ladeira encantada, na vertente para a cidade, em um logarejo lavado, sadio, cheio de luz e ar puro, embalado, tónicoificante.

Brevemente, novos meninos foram internados.

A 19 de março do ano corrente—no dia do seu glorioso patrono S. José—foi instalada a officina no antigo convento das Capuchinhas, de onde tinham saído as ultimas religiosas, açotadas pelo vendaval de 1910.

Conseguiu-se que o Governo cedesse o predio, a titulo precario, para abrigo dos pequeninos, que ali encontram amovaveis ternuras em agasalho, sustento, instrução e educação.

de pôr via das suas pequenas transacções remediar a sua atribulada vida.

Ainda se suportaria, se ao menos o tal decreto deixasse ficar os celeiros paroquiais, como uma ramificação dos municipais, e com as mesmas atribuições destes, porque ao menos ainda o pobre lavrador ou consumidor ahi poderiam ir trocar os seus productos, ou procurar sem sacrificios aqueles de que precisassem.

Mas nem assim o vexame deixaria de existir, porque o lavrador teria de se sujeitar ao preço das tabelas, o que não acontece com os industriais e outros artífices, que têm enriquecido escandalosamente, enquanto o pobre lavrador se define, e a lavouta se arruina por falta de protecção dos poderes publicos.

Resumindo: O decreto que estabelece os celeiros municipais como unicos distribuidores e reguladores das subsistencias, não satisfaz á população geral do paiz, e apenas pode melhorar as condições economicas dos centros populosos.

O resto do paiz ficará altamente prejudicado, porque ainda que os generos desçam, isto não compensa as despesas e incomodos de transportes, nem os incomodos que d'aí resultam.

A distribuição por meio dos celeiros paroquiais, é a unica que pode atenuar a grave crise economica que atravessamos, porque é a mais economica, mais justa e equitativa, e menos vexatoria tambem para os proprios agricultores.

Teimar no contrario, será um contra senso, cujos resultados se não podem prever. Mal por mal antes como está. Ha fome? Sem duvida! Mas todos se resignam e harmonizam, desde que não obriguem o povo a sacrificios inuteis e impossiveis.

Trate o Governo de abastecer por todos os meios os mercados, combata os açambarcamentos e promova o aumento da produção agricola, que então tudo se remediará.

Tudo o que assim não for será inutil desde que esse decreto é impraticavel.

JOAQUIM DA SILVA GODINHO.

Os celeiros Municipais

Desde ha muito que a nossa imprensa conservadora vem, e por vezes com mão de mestre, fazendo a critica sobre a obra do Governo na chamada crise das subsistencias, esclarecendo, planejando e indicando o caminho unico a seguir, nesta pavorosa voragem de ambições dos especuladores da miseria publica, e da incompetencia e teimosia dos nossos governantes, que teimam em levar por deante, em casos de tamanha gravidade, leis, que apenas revelam uma ignorancia crassa em assuntos de economia, e um completo desconhecimento das necessidades e da vida rural do nosso povo.

Desde ha muito que os nossos legisladores se acostumaram a decretar leis apenas para interesse dos seus apanguidos, ou quando muito, para servir á população dos grandes centros, sem attenção nenhuma pelas necessidades da vida rural do resto do pais. Como se Portugal, apesar de pequeno, se limitasse a tão diminuto numero de habitantes!

Porém, é isto mesmo que revela o ultimo decreto sobre as subsistencias, que obriga a acumular nas sedts dos municipios todos os generos alimenticios disponiveis para a venda a fim de serem distribuidos pelos celeiros municipais.

Não pode haver maior disparate, nem mais rematada loucura! Como poderá o Estado obrigar a vir toda a população de um municipio disseminada em alguns concelhos por essas montanhas sertanejas, a 6, 7, e 8 leguas de distancia da sede, para irem ali comprar ou vender com penosos sacrificios os generos que criaram nas suas freguezias, e de que precisam para comer?

Isto é impossivel e impraticavel! Tenham juizo!

Acabando com os mercados ou feiras, como consta, poderá o Governo conseguir, (o que ainda é um ponto de duvida) a reunião de todos os productos agricolas nos celeiros municipais, mas não atende a que, com tal medida, vai ferir de morte o pequeno e pobre lavrador, que tinha nesses centros de commercio, o unico meio

de pôr via das suas pequenas transacções remediar a sua atribulada vida.

Ainda se suportaria, se ao menos o tal decreto deixasse ficar os celeiros paroquiais, como uma ramificação dos municipais, e com as mesmas atribuições destes, porque ao menos ainda o pobre lavrador ou consumidor ahi poderiam ir trocar os seus productos, ou procurar sem sacrificios aqueles de que precisassem.

Mas nem assim o vexame deixaria de existir, porque o lavrador teria de se sujeitar ao preço das tabelas, o que não acontece com os industriais e outros artífices, que têm enriquecido escandalosamente, enquanto o pobre lavrador se define, e a lavouta se arruina por falta de protecção dos poderes publicos.

Resumindo: O decreto que estabelece os celeiros municipais como unicos distribuidores e reguladores das subsistencias, não satisfaz á população geral do paiz, e apenas pode melhorar as condições economicas dos centros populosos.

O resto do paiz ficará altamente prejudicado, porque ainda que os generos desçam, isto não compensa as despesas e incomodos de transportes, nem os incomodos que d'aí resultam.

A distribuição por meio dos celeiros paroquiais, é a unica que pode atenuar a grave crise economica que atravessamos, porque é a mais economica, mais justa e equitativa, e menos vexatoria tambem para os proprios agricultores.

Teimar no contrario, será um contra senso, cujos resultados se não podem prever. Mal por mal antes como está. Ha fome? Sem duvida! Mas todos se resignam e harmonizam, desde que não obriguem o povo a sacrificios inuteis e impossiveis.

Trate o Governo de abastecer por todos os meios os mercados, combata os açambarcamentos e promova o aumento da produção agricola, que então tudo se remediará.

Tudo o que assim não for será inutil desde que esse decreto é impraticavel.

JOAQUIM DA SILVA GODINHO.

Carteira Elegante

Por noticias de Villa do Conde, sabemos ter estado ali doente, encontrando-se felizmente bem, o que muito sinceramente estimamos, a ex.ª Senhora D. Francisca Braamcamp Cardoso de Menezes, veneranda esposa do nosso querido amigo, sr. Dr. Henrique Cardoso de Macêdo Martins de Menezes (Margaride).

Suas Ex.ª regressam a esta cidade na proxima semana.

Está completamente restabelecida, o que muito estimamos, a ex.ª Senhora D. Ana Martins de Menezes (Margaride), virtuosa esposa do nosso simpatico amigo sr. Antonio Campos.

Continua bastante doente o nosso venerando patricio sr. Antonio José da Silva Bastos.

Com sua ex.ª familia está na Poyoa de Varzim o nosso querido amigo sr. Padre José Carlos Simões d'Almeida.

Está completamente restabelecido o nosso presado amigo sr. Padre Gaspar Nunes.

NOTICIARIO

Dr. Anibal Soares

Regressou do Norte á capital o illustre deputado da Nação sr. Dr. Anibal Soares, brilhante jornalista que no Diário Nacional vem afirmando o valor da sua intelligencia e do seu saber.

Os Ecos de Guimarães associam-se ás homenagens que s. ex.ª recebeu em todas as terras do Norte que visitou.

Coronel Mota Guedes

Tivemos o prazer de cumprimentar este nosso illustre amigo e valoroso comandante de cavalaria.

O distintissimo official está presentemente na sua casa de Celorico onde foi de visita a sua illustre familia.

S. Lourenço de Sande

Para implorar da Providencia a cessação da epidemia saiu na ultima quarta-feira, na freguezia de S. Lourenço de Sande, em processão de penitencia, a veneranda e milagrosa imagem do Senhor das Chagas, que foi acompanhada por quasi toda a população da freguezia e limitrofes.

O virtuoso paroco da freguezia e nosso muito querido e presado amigo sr. Padre José Ferreira Leite, fez uma alocução comovedora sobre o assunto, havendo-se muito bem e impressionando o auditorio até ás lagrimas.

ARREMATACÃO

(2.ª publicação) Pelo Juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão do 4.º officio, vai pela segunda vez á praça, visto na primeira não ter obtido lanceo algum, no dia 20 do corrente, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta cidade, para ser entregue a quem por êle maior lanceo oferecer sobre o preço abaixo designado, no inventario orfanologico a que se procedeu por obito de Tereza de Jesus Rodrigues, divorciada e moradora que foi nesta cidade, o predio aformalado ao neto Tomás Pedro, seguinte:

Uma morada de casas, construida de pedra, de três andares, com rocio, poço, saída para a viela do Anjo, e com salas, quartos, cozinha e lojas, com os numeros de policia 57 e 59, situada na rua do doutor Avelino Germano, antiga de S. Paio, desta cidade.

E' de natureza alodial e está descrita na conservatoria desta comarca no livro B-30 a folhas 55 v. sob o n.º 9.136.

Nas trazeiras d'este predio existe uma pequena casa, que dêle faz parte e está sujeita ao usufruto vitalicio a favor das irmãs da inventariada, Rita Joaquina Rodrigues e Ludovina Rosa Rodrigues.

Este predio é posto em praça pela quantia de 2:500\$00.

Toda a contribuição de registo fica a cargo do arrematante.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Guimarães, 10 de Outubro de 1918.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, Santos.

O escrivão, Herminio Ferreira Botelho.

Herminio Ferreira Botelho.